

As manifestações que tomaram as ruas de diversas cidades brasileiras, desde junho deste ano, recolocam as problemáticas do papel do intelectual na contemporaneidade. Como comenta Edward Said, em *Representações do intelectual*, a figura do intelectual na modernidade se destacava como aquele que tinha o compromisso de “publicar e discursar na esfera pública” com uma “disposição perpétua para não permitir que meias verdades e ideias preconcebidas norteiem a vida das pessoas”. Além disso, o reconhecimento do intelectual como voz autorizada para ter suas posições políticas amplamente publicadas era o que lhe conferia poder e distinção. No contexto contemporâneo, marcado pela comunicação digital em rede, haveria uma reconfiguração do lugar do intelectual? Se sim, a centralidade de determinados indivíduos (artistas, literatos, políticos, jornalistas, escritores, pesquisadores), de partidos e de meios de comunicação massivos no processo de formação da opinião pública teria passado a ser contestada por comunidades e organizações das periferias metropolitanas e por grupos e coletivos que hibridizariam suas atividades com as mídias, sobretudo as digitais. Com isso, estaria em curso o acirramento da disputa em torno da fala pública?

Para este número, a *Revista ECO-Pós* conta com o dossiê “Mídia, intelectuais e política”. Nele, são analisadas como as reconfigurações da função e da natureza da atividade intelectual ao longo do século XX e neste novo século foram marcadas por processos midiáticos por transformações estruturais no espaço e na opinião públicos. O primeiro texto é assinado por Mirta Varela (UBA). A autora discorre sobre como, no período entre os anos 1960 e 1990, na América Latina, se deram as denúncias do imperialismo norte-americano, as práticas de contrainformação e questionamento dos regimes autoritários por meio da imprensa alternativa e do cinema militante, as interações problemáticas entre o popular e o massivo de modo a confundi-los como mesmos e as experiências estéticas de vídeos políticos.

Ainda no contexto latino-americano, dois textos abordam o papel de intelectuais em processos políticos. Priscila Dorella (UFV) analisa as relações conflituosas experimentadas pelo poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz em suas participações como apresentador de dois programas culturais – *Conversaciones con Octavio Paz* (1984) e *México en la obra de Octavio Paz* (1989) – para a Televisa. Em seguida, Paola Marguilis (UBA) toma o documentário *Cuarentena: exilio y regreso* (1983), de Carlos Echeverría, como ponto de partida para discutir a transição democrática argentina e o lugar de Osvaldo Bayer, historiador, escritor e jornalista anarquista, nesse processo.

O jornalismo cultural como atividade intelectual e as relações entre literatura, jornalismo e política no Brasil foram abordados por três textos. José Salvador Faro (UMESP) caracterizou o

jornalismo cultural como um espaço de tensões entre as demandas intelectuais, as exigências mercadológicas da indústria cultural e as conformações dos padrões de gosto e consumo do público. Logo depois, Rodrigo Czajka (UNESP) demonstra, a partir da noção de resistência cultural, como escritores e jornalistas se articularam para exercerem oposição à ditadura civil-militar entre 1964 e 1967. Na sequência, Cida Golin, Everton Cardoso, Mariana Sirena e Bruna Linhares (UFRGS) explicam como se deu a consolidação do suplemento cultural na imprensa gaúcha no ano de 1967.

Os dois últimos textos do dossiê abordam as transformações da atividade intelectual e do engajamento político na sociedade em rede. João Carlos Correia e António Fidalgo (UBI) observaram a dessacralização da intelectualidade diante dos meios de comunicação de massa e, mais recentemente, da comunicação em rede. Os autores acreditam que esse processo levou a uma transmutação da autonomia crítica à especialização na participação de intelectuais no espaço público. Por fim, Gustavo Cardoso e Brando di Fátima (ISCTE-IUL) analisam as manifestações em rede que eclodiram no Brasil em junho de 2013. Os autores demonstram como o Facebook e o Twitter, por hashtags como #ogiganteacordou, foram importantes na disseminação da indignação e do sentimento de injustiça. Para eles, os movimentos não são meras reações inesperadas, mas resultam de um longo processo de descaso estatal.

Neste número, publicamos a entrevista realizada por Marcelo Gabbay (UFRJ) com Juremir Machado (PUC-RS). O pesquisador discute os problemas da disciplinarização do campo da Comunicação e das possibilidades da constituição de um pensamento autônomo, evitando a repetição nos pesquisadores do *modus operandi* da mídia: a busca por mais leitores, por mais citações, por celebrização.

A seção Perspectivas, para temas livres, conta com dois artigos. O de Fernanda Maurício Silva (UNIP) historia as convenções do *talk-show* brasileiro em comparação, sobretudo, com a matriz norte-americana no formato. Já o de Simone Maria Rocha, Matheus Luiz Couto Alvez, Lúvia Fernandes Oliveira (UFMG) aborda a estilização televisiva da Revolta da Vacina realizada pela telenovela *Lado a Lado* (2012-2013).

Finalizando o número, Julia Salgado (UFRJ) faz uma resenha do último livro de Muniz Sodré, *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes* (Petrópolis: Vozes, 2013).

Boa leitura!
Eduardo Granja Coutinho
Marialva Barbosa
Igor Sacramento
A Comissão Editorial da Revista ECO-Pós

Expediente**Editores adjuntos**

Eduardo Granja Coutinho (UFRJ)

Marialva Barbosa (UFRJ)

Editor executivo

Igor Sacramento (UFRJ)

Editoras assistentes

Júlia Salgado (UFRJ)

Luciana Almeida (UFRJ)

Raquel Timponi (UFRJ)

Renata Tomaz (UFRJ)

Pareceristas da edição

Erick Felinto (UERJ)

Fernando Goncalves (UERJ)

Leticia Matheus (UERJ)

Iluska Coutinho (UFJF)

Maria Cristina Mungioli (USP)

Raquel Recuero (UCPEL)

Renata Rezende (UFF)

Roberta Barros de Andrade (UFC)

Silvana Louzada (UFF)

Capa

Diego Paleologo (UFRJ)

Programação visual

Renata Tomaz (UFRJ)